

Brasil fecha acordo com os banqueiros americanos

Manoel Francisco Brito *
Correspondente

WASHINGTON — O presidente Sarney e seus ministros da área econômica podem respirar duplamente aliviados. Depois de semanas de negociações e suspensão, o comitê dos bancos credores e o principal negociador da dívida brasileira, diplomata Sérgio Amaral, anunciaram, em Nova Iorque, que chegaram a um acordo não só sobre a liberação da segunda parcela de US\$ 600 milhões em dinheiro novo, negociada em fins do ano passado, mas também de uma terceira parcela, na mesma quantia. O vínculo do empréstimo desta segunda parcela a um financiamento do Banco Mundial de US\$ 500 milhões para o setor elétrico — que está ameaçado de não sair por problemas entre aquela instituição e o governo brasileiro com relação ao assunto — foi substituído por vínculos a outros projetos que serão tocados com dinheiro do Banco Mundial.

“Nós não viemos aqui para assumir riscos”, disse Amaral para explicar porque propôs a vinculação do empréstimo dos banqueiros a financiamentos de projetos, e não a empréstimos setoriais, pelo Banco Mundial. É que os empréstimos setoriais do Banco ao Brasil em geral envolvem questões polêmicas, que via de regra esbarram em resistências dentro do governo brasileiro. Como os banqueiros insistiam em algum tipo de vínculo, como forma de dar credibilidade suficiente ao novo pacote de empréstimo para atrair para ele os pequenos bancos americanos, a solução encontrada foi jogar no acordo os tais projetos — que para se transformarem em dinheiro do Banco Mundial, precisa apenas que o Brasil entre com as contrapartidas financeiras.

Os projetos incluídos somam um total de US\$ 500 milhões e fazem parte, em sua maioria, do pacote de US\$ 5 bilhões que o Brasil tem a sua disposição no Banco

Mundial e que só não pegou ou por esquecimento ou porque não conseguiu aparecer com as contrapartidas. Entre eles estão os projetos de ajuda para a reconstrução do Rio, no valor de US\$ 175 milhões e aprovado em 88, e US\$ 63 milhões para a conservação de solo no Paraná. Quanto à terceira parcela de US\$ 600 milhões dos bancos privados, a ela foram vinculados dois projetos do Banco Mundial aprovados em 1983. O primeiro, de US\$ 400 milhões, é relativo a financiamentos para a agro-indústria brasileira. O segundo, de US\$ 220 milhões, diz respeito a um programa na Bahia.

Sérgio Amaral caracterizou sua reunião com os banqueiros como uma “lua de mel”. Não foi bem assim. “A questão dos vínculos ao Banco Mundial quase fizeram tudo ir por água abaixo”, revelou uma fonte próxima às negociações. “Até porque os banqueiros sabem que as relações do Brasil com o Banco não estão lá essas coisas.” Para tentar pôr panos quentes nesta confusão, sai amanhã de Washington uma delegação de alto nível.

* Com Gustavo Sulansky, de Nova Iorque

☐ Amanhã e quinta-feira os ministros do Exterior do Grupo dos Oito (Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru, Venezuela e Uruguai — o Panamá está suspenso) vão se reunir em Ciudad Guayana, na Venezuela para debater a dívida externa latino-americana à luz dos recentes acontecimentos naquele país e com base nas medidas propostas pelos ministros de Economia do grupo em dezembro no Rio. O governo da Venezuela responderá hoje aos bancos credores se concorda em dar as futuras vendas de petróleo como garantia de um crédito-ponte de US\$ 600 milhões. Os bancos haviam feito a mesma proposta ao governo anterior, que a rejeitou.